



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS- LÍNGUA PORTUGUESA**

DEUZANIRA DA SILVA CRUZ DE ALMEIDA

**ARQUIVAR E REINVENTAR A VIDA:
DIÁRIOS E CARTAS EM CAROLINA MARIA DE JESUS E FRANÇOISE EGA**

Porto Nacional, TO

2024

DEUZANIRA DA SILVA CRUZ DE ALMEIDA

**ARQUIVAR E REINVENTAR A VIDA:
DIÁRIOS E CARTAS EM CAROLINA MARIA DE JESUS E FRANÇOISE EGA**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Porto Nacional, para obtenção do título de licenciada em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Profa. Dr^a. Viviane Cristina Oliveira

Porto Nacional, TO

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

A447a Almeida, Deuzanira da Silva Cruz de.
Arquivar e reinventar a vida: Diários e cartas em Carolina Maria de Jesus e
Fraçoise Ega. / Deuzanira da Silva Cruz de Almeida. – Porto Nacional, TO,
2024.
27 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e
Literaturas, 2024.

Orientador: Viviane Cristina Oliveira

1. Literatura. 2. Arquivamento da vida. 3. Diários. 4. Cartas. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

DEUZANIRA DA SILVA CRUZ DE ALMEIDA

**ARQUIVAR E REINVENTAR A VIDA:
DIÁRIOS E CARTAS EM CAROLINA MARIA DE JESUS E FRANÇOISE EGA**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas. O trabalho foi avaliado para a obtenção do título de licenciada e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 19/03/2024

Banca Examinadora

Prof^ª. Dra. Neila Nunes de Souza

Prof^ª. Dr.^a Viviane Cristina Oliveira

Prof. Dr. Mauricio Alves da Silva

A Cacilda (minha mãe), Edilson (meu padrasto), Cesa, Lica e Rolzita (minhas irmãs), Sérgio e Catarina (meu esposo e minha filha pet).

AGRADECIMENTOS

*Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade (canção de Raul Seixas).*

*A realização de um sonho
só é possível com a união de vários corações
que passam a sonhar e realizar juntos! (Zaika Capita)*

Nenhuma palavra será suficiente para agradecer a cada pessoa que esteve ao meu lado, mesmo que distante fisicamente, nestes anos de faculdade. Portanto, escreverei uma, que acredito, represente o sentimento que guardo por cada incentivo, carinho, compreensão, oração, que recebi de cada um de vocês: *gratidão*.

Gratidão a vocês, mãe e irmãs, por me compreenderem e se contentarem, às vezes, apenas com o meu “bom dia”, no grupo que é só nosso, quando eu estava atarefada demais com as atividades da faculdade e por sempre acreditarem em mim, ajudando-me a transformar o sonho em realidade. Esse sonho era meu, mas vocês foram generosas em sonha-lo junto comigo.

Gratidão ao meu padrasto, que um dia depositou em mim a confiança de se realizar como pai: “um dia você irá se formar”. Olha eu aqui em mais uma graduação.

Gratidão ao meu esposo, que muitas vezes abriu mão dos sonhos dele para que eu pudesse realizar o meu: “esse momento é seu, ele dizia”. Obrigada por entender, as tantas vezes, que mesmo estando na mesma casa, era como se eu não estivesse, devido a urgência dos trabalhos da faculdade, como agora. *Jajá* eu estarei de volta pra você e pra Catarina, como você mesmo diz.

Gratidão a Catarina, minha filha pet, por encher de alegria meus dias tão cansativos e por preencher um vazio, que às vezes há em mim, sem nem eu mesma saber por quê.

Gratidão a todos os meus familiares, espalhados por esse Brasil de meu Deus: Maranhão, Piauí, Pará, São Paulo, Rio de Janeiro, em especial minha prima Isabel, que sente orgulho em me ter como prima apenas por eu ser quem sou: uma pessoa capaz de se sacrificar por aqueles que ama.

Gratidão a todas as minhas amigas, Dona Vera, Flávia, Help, Keiti, Luana, Nádia, Nathanna, Samara, Sula, por compreender a ausência dessa amiga tão assoberbada pelos estudos.

Gratidão a Samilla, que me fez perceber que eu podia recomeçar e incentivou-me a fazer mais uma faculdade.

Gratidão a Tays, minha amiga de faculdade, ao meu “cumpadi” Aldo e a minha “cumadi” Karline, pelas caronas que tornaram viável a minha ida diária à universidade e aos estágios, pois sem a carona de vocês, não sei se teria sido possível concluir o curso, devido às dificuldades financeiras.

Gratidão a tia Júlia e tia Franci, tias que ganhei casando com o Sérgio, por seus ensinamentos e sempre me incentivando a buscar meu crescimento profissional.

Gratidão aos meus amigos de graduação, que estiveram comigo desde o início do curso em 2021: Ana Clara, Andressa, Amanda, Carlos, Dhyorrana, Felipe, Giovana, João Gabriel, João Victor, Kedma, Randerson, Sabryne, Stefany, Tays, Vitória e tantos outros de períodos diferentes com quem tive o prazer de estudar: Adnilma, Luma, Luzirene, Samuel. A vocês, meu muito obrigada, por muitas vezes acreditarem mais em mim do que eu mesma. Cada carinho, cada incentivo de vocês, fizeram-me acreditar que seria possível chegar até o fim dessa jornada.

Gratidão a cada docente que no exercício de sua profissão me ensinou com dedicação, comprometimento, empatia e acima de tudo ética, o verdadeiro significado de ser professora. A você: Silvana, Marisa, Carine, Antonio Egno, Neila, Daniella, Edicarlos, Perla, Lyana, Kátia Rose, Viviane, Dalve, Greize, Glorinha, Thiago, Mário, Ângela, Cintya, Cassiane, Daniel, Carlos e Rubra, muito obrigada.

Gratidão as professoras Adriana Capuchino, coordenadora do Programa PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência e Daniella Corcioli, coordenadora do CECLLA - Centro de Estudos Continuados em Letras, Linguística e Artes, por me mostrarem que a relação professor-aluno pode ir além da sala de aula e ainda sim serem profissionais.

Gratidão ao Yury e a Jardeane, amigos que nasceram de parcerias no Pibid e no Cecla e que levarei para a vida toda, por ajudar a tornar mais fácil a prática docente, quando tudo ainda era muito incerto para mim.

Gratidão, de maneira especial, a professora Neila, atual coordenadora do curso de Letras, por me mostrar que professor “nem é gente”, é anjo disfarçado na terra, que além de compartilhar seus conhecimentos, tornando-se mediadores no processo de aprendizado de seus

discentes, ainda os ajudam a realizar sonhos. Pois como disse Paulo Freire (1996) “Se não posso estimular sonhos impossíveis, não devo negar o direito de sonhar com quem sonha.”

Gratidão a minha meiga, generosa e paciente orientadora Dr^a Viviane Cristina Oliveira, quem ajudou-me a enxergar a alma de escritora de Carolina Maria de Jesus e entender que sua obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, vai além de uma literatura documental. Trata-se de um tipo de *escrita de si*, que por meio de seus diários, Carolina, arquivou e reinventou a própria vida, permitindo-lhe sair de uma situação de anonimato de mulher negra, mãe solteira e favelada e ser reconhecida como a Carolina escritora.

RESUMO

O presente trabalho é fruto de parte de uma pesquisa que busca estudar as formas como os indivíduos registram e arquivam suas vidas, tornando-as imortais, realizada por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC. Há diversas formas de guardar as experiências: fotografias, caixas, gavetas, etc. E há também os registros feitos em diários e cartas, chamados de *escritas de si*, tema de interesse desse estudo. Para essa análise será tomado como objeto as obras, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus e *Cartas a uma negra: narrativa antilhana* de Françoise Ega. Essas obras têm em comum, além das escritoras negras, a forma como elas registraram suas lutas diárias: Carolina escreveu diários, Françoise, cartas. Situada no campo documental e bibliográfica, por meio de uma abordagem qualitativa e de natureza exploratória, visa analisar a subjetividade do comportamento humano, referente aos arquivamentos de si. Os arquivamentos, diários e cartas, feitos por Carolina (2007) e Françoise (2021), ultrapassaram a fronteira da literatura, são bem mais do que o registro de um cotidiano, são críticas e denúncias à uma sociedade que trata com descaso e crueldade uma boa parcela da humanidade: Carolina, expôs a dura realidade, dela e das pessoas que vivem à margem da sociedade, os favelados; Françoise, mostrou com a autoridade de irmã de cor, o racismo e a exploração sofrida pelas mulheres pobres e negras do século 20. Esses registros tornaram essas mulheres visíveis, conseguindo se inserir numa lógica letrada, muitas vezes, responsável pelas exclusões simbólicas, principalmente, de autoras, mulheres e negras. “Arquivar e reinventar a vida” evidencia como o gosto pela leitura, pela escrita e principalmente, pelo registro das experiências cotidianas, podem ressignificar as lutas diárias de um indivíduo, levando-o a reinventar-se e sair de uma situação de anonimato e invisibilidade.

Palavras-chaves: Carolina Maria de Jesus. Françoise Ega. Arquivamento da vida. Diários. Cartas.

ABSTRACT

This work is the result of part of a research that seeks to study the ways in which individuals record and archive their lives, making them immortal, carried out through the Institutional Scientific Initiation Scholarship Program - PIBIC. There are several ways to store experiences: photographs, boxes, drawers, etc. And there are also records made in diaries and letters, called self-writing, the topic of interest in this study. For this analysis, the works will be taken as objects, *Quarto de evicção: diary of a favelada dweller* by Carolina Maria de Jesus and *Letters to a black woman: antillean narrative* by Françoise Ega. These works have in common, in addition to black women writers, the way they recorded their daily struggles: Carolina wrote diaries, Françoise, letters. Located in the documentary and bibliographic field, through a qualitative and exploratory approach, it aims to analyze the subjectivity of human behavior, referring to self-archiving. The archives, diaries and letters, made by Carolina (2007) and Françoise (2021), went beyond the boundaries of literature, they are much more than a record of everyday life, they are criticisms and denunciations of a society that treats people with disregard and cruelty. a good portion of humanity: Carolina, exposed the harsh reality, of herself and of the people who live on the margins of society, the favela residents; Françoise, showed with the authority of a sister of color, the racism and exploitation suffered by poor and black women in the 20th century. These records made these women visible, managing to insert themselves into a literate logic, often responsible for symbolic exclusions, mainly, by authors, women and black. “Archiving and reinventing life” highlights how the taste for reading, writing and especially recording everyday experiences can give new meaning to an individual’s daily struggles, leading them to reinvent themselves and escape from a situation of anonymity and invisibility.

Key-words: Carolina Maria de Jesus. Françoise Ega. Archiving of life. Daily. Cards.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

- Figura 1: Capa do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007..... 15
- Figura 2: Capa do livro *Cartas a uma negra: narrativa antilhana*. São Paulo: Todavia, 2021 16

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 AS OBRAS QUARTO DE DESPEJO E CARTAS A UMA NEGRA	15
3 APONTAMENTOS SOBRE A ESCRITA DE SI.....	17
4 CAROLINA MARIA DE JESUS: DIÁRIOS QUE DIALOGAM - “SOMOS TODAS CAROLINA”	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia, é fruto de parte de uma pesquisa que visa estudar as formas utilizadas pelos seres humanos para registrar e arquivar suas vidas e tornar imortais fases e momentos, para que eles não se percam no espaço/tempo, realizada por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). As experiências vividas pelas pessoas podem ser guardadas de diversas formas: fotografias, diários, cartas, caixas, gavetas, etc. Os registros feitos em cartas, diários, por exemplo, são considerados *escritas de si*, arquivamento da vida, como fez Carlos Drummond de Andrade ao publicar *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade* ou o *Diário de Antônio Maria*, no qual o compositor carioca deixou registradas suas intimidades. Por meio dessas escritas, esses autores acabaram arquivando a vida deles e como diz Artières “Passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos.” (ARTIÈRES, 2004, p. 10), numa constante busca de “arrumar-se” para entender *quem se é*.

A pesquisa que deu origem a essa monografia, foi situada numa abordagem qualitativa, devido o tema pesquisado não poder ser quantificado, necessitando de um amplo estudo, considerando o contexto e as características do arquivamento da vida, em que se analisou a subjetividade do comportamento humano, referente a prática das escritas de si. O levantamento de dados foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica (caráter secundário), pautadas em autores como Philippe Artières, Ângela de Castro Gomes, entre outros, para que se possa entender as especificidades dessa prática, além de uma análise documental (caráter primário), das obras objetos desse estudo: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus e *Cartas a uma negra: narrativa antilhana* de Françoise Ega, analisando os tipos de registros escolhidos por elas: Carolina escreveu diários e Françoise escreveu cartas.

Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega se valeram das práticas de arquivamentos e se tornaram eternas, principalmente, no campo literário. O modo como elas se arquivaram, assim como outros indivíduos registram suas experiências, nos leva a alguns questionamentos que envolve o arquivamento de si e, que se pretende responder ao longo desse trabalho, sobretudo, àqueles voltados para o diário e as cartas dessas escritoras, tais como: Como as pessoas registram suas experiências, por que elas, de certa forma, arquivam as suas vidas e quais os acarretamentos desses arquivamentos na vida delas? Qual a ligação existente entre as obras *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus e *Cartas a uma negra*:

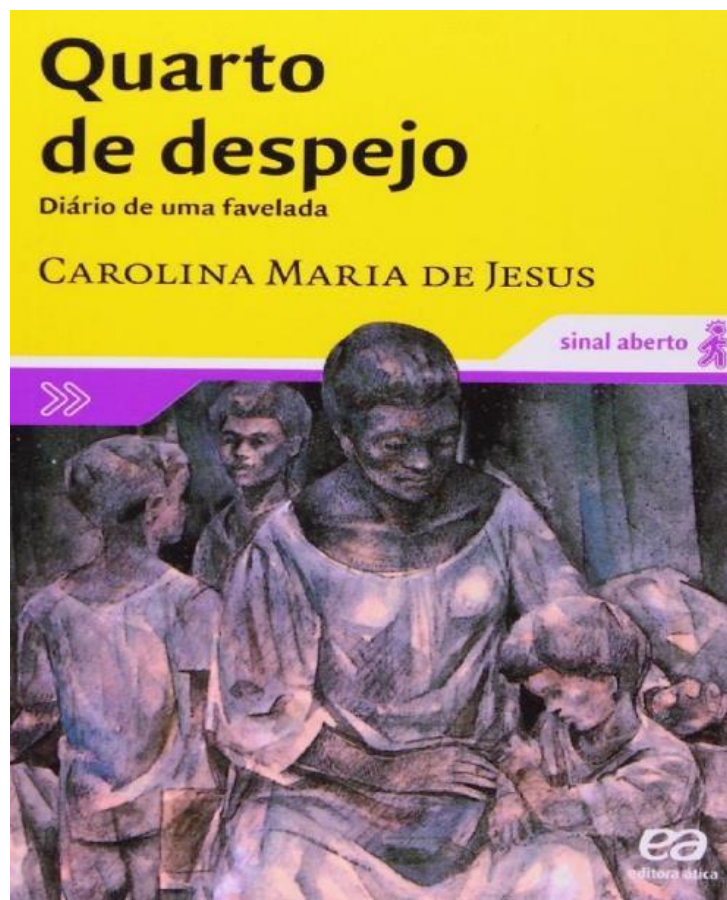
narrativa antilhana, de Françoise Ega? Como as formas de escritas de si, cartas e diários, utilizados nas referidas obras, têm papel significativo para a constituição de registros pessoais e coletivos? Como os indivíduos se valem da ficção e das técnicas literárias para construir seus registros? Qual a relevância dos registros pessoais, incluindo os que estão na fronteira com a ficção, para a discussão de questões relevantes socialmente, a exemplo do racismo, da miséria, das exclusões e desigualdades sociais?

Observando os arquivamentos feitos por Carolina (2007) e Françoise (2021), diários e cartas, foi possível perceber que eles vão além de uma simples literatura e registro do cotidiano, representam fortes denúncias, respectivamente, da dura realidade da vida de um favelado e da exploração e o racismo sofridos pelas mulheres pobres e negras do século 20. Por meio desses tipos de registro, essas mulheres tornaram-se visíveis e conseguiram se inserir numa lógica letrada, muitas vezes, responsável pelas exclusões simbólicas, principalmente, de autoras, mulheres e negras. Portanto, a escolha do tema “Arquivar e reinventar a vida” vem no sentido de evidenciar como o gosto pela leitura, pela escrita e principalmente, o arquivamento de suas vivências pode levar um indivíduo a reinventar sua vida, saindo de uma situação de anonimato e invisibilidade.

2 AS OBRAS QUARTO DE DESPEJO E CARTAS A UMA NEGRA

Quarto de despejo: diário de uma favelada é uma obra de Carolina Maria de Jesus, nascida em Sacramento-MG, em 14 de março de 1914. No ano de 1937, mudou-se para São Paulo juntamente com seus três filhos: João José, José Carlos e Vera Eunice. Na cidade de São Paulo, morou na favela do Canindé e para prover o seu sustento e de seus filhos, catava materiais recicláveis nas ruas para vender. Em meio a tantas lutas diárias, Carolina gostava de escrever em seus cadernos, feitos de pedaços de papéis encontrado nas ruas, o cotidiano da dura realidade de um favelado. Em 1950, o jornalista Audálio Dantas conheceu Carolina e seus cadernos de anotações e percebendo a importância daqueles registros, interessou-se logo em publicar. Assim foi concebido *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, um livro formado por 20 dos tantos diários escritos por Carolina, com início em 15 de julho de 1955, aniversário de sua filha Vera Eunice e término em 1 de janeiro de 1960, com mais um dia como outro qualquer, levantando cedo para a labuta. Quarto de despejo teve sua primeira publicação em 1960, quando Carolina saiu de uma situação de anonimato e sua história ficou conhecida no Brasil e em vários outros países. Contudo, a escritora faleceu em 13 de fevereiro de 1977, em um pequeno sítio, na periferia de São Paulo, já quase esquecida por grande parte de seus leitores.

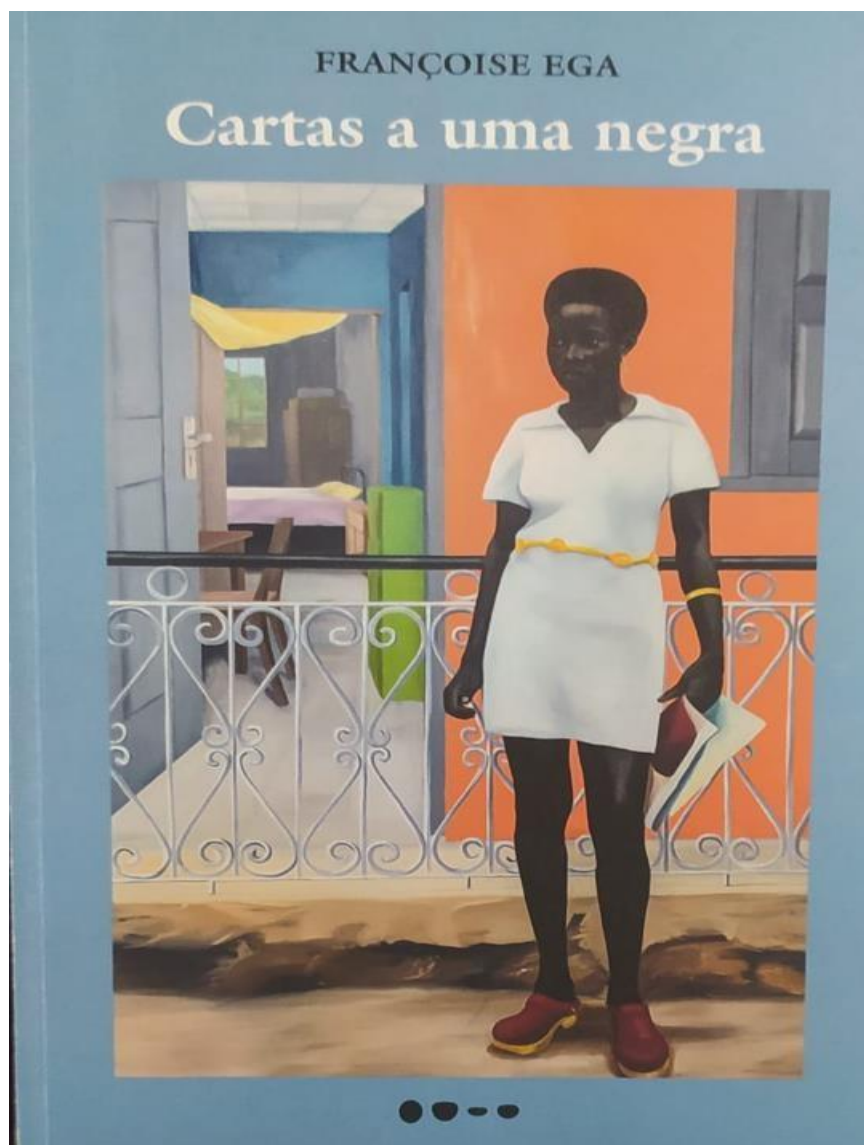
Figura 1: Capa do livro Quarto de despejo: diário de uma favelada



Fonte: São Paulo: Ática, 2007.

“Cartas a uma negra: narrativa antilhana” é uma obra de Françoise Ega, mulher negra, humilde e mãe de cinco filhos. Nascida na Martinica, em 1920, a autora mudou-se para Marselha, na França, onde trabalhou de doméstica em casas de família. Amante da leitura, porém sem muito tempo para ler, lia no ônibus a caminho do trabalho. Foi então, que lendo a revista *Paris Match*, conheceu Carolina Maria de Jesus, pois a revista trazia uma matéria sobre o livro da escritora brasileira, “Quarto De Despejo”. Françoise logo se identificou com os relatos de Carolina e isso a motivou escrever “cartas”, endereçadas à autora brasileira. Essas cartas jamais foram entregues à sua destinatária. Contudo, após a morte da autora francesa, os escritos intitulados “Cartas a uma negra”, foram publicados. *Lettres à une noire* foi publicado em 1978 e traduzido para o português brasileiro em 2021, pela editora Todavia. O livro é composto de várias cartas, com datas que vai de 1962 a 1964, com narrativas da dura realidade das trabalhadoras negras na França. Françoise faleceu em 8 de março de 1976, curiosamente no Dia Internacional da Mulher, na cidade de Marselha.

Figura 2: Capa do livro Cartas a uma negra: narrativa antilhana.



Fonte: São Paulo: Todavia, 2021.

3 APONTAMENTOS SOBRE A ESCRITA DE SI

Desde o nascimento os seres humanos passam por diversos momentos, bons ou ruins. Os ruins todos querem e tendem a esquecer, porém, os momentos bons elas fazem questão de guarda-los pra sempre na memória. Contudo, a memória de uma pessoa nem sempre se conserva intacta, “dá um branco”. Por esse e outros motivos, todos procuram de alguma forma registrar e arquivar esses momentos. Arquivar e reinventar a vida trata, portanto, de um tipo de escrita autobiográfica ou “escrita de si” e pertence a variados gêneros textuais. Na modernidade recebem o nome de “produção de si”. Essas práticas podem se realizar de diversas formas, desde fotografias, cartões-postais ou diários e cartas como fizeram as autoras Carolina e Françoise.

Por muito tempo a obra de Carolina foi considerada uma literatura de menor valor. Vários críticos literários classificavam sua obra apenas como um documento, relato sobre a favela, uma literatura marginal. Contudo, a obra de Carolina, pode ser entendida por diversas nuances, uma delas é a autobiográfica, inserindo-se em tipo de *escritas de si*.

A escrita autobiográfica ou “escrita de si” compõe uma modalidade de texto que, desde o século XVIII, recebe o nome de “produção de si” e está relacionada à forma como os indivíduos registram seu cotidiano e arquivam suas experiências. Essas experiências (acontecimentos) ocorrem de forma fragmentada, em um determinado espaço/tempo, de forma que o curso de sua vida sofra alterações no decorrer do tempo. O tempo não para. E para conseguir realizar todas as suas tarefas diárias, o ser humano tenta fazer gestão do seu tempo decompondo-o, por exemplo em tempo para a casa, tempo para o trabalho, tempo para a igreja, tempo para os estudos, tempo para os filhos etc. Gomes aborda as práticas de si da seguinte forma:

As práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho etc. (GOMES, 2004, p. 13).

O ciclo de vida de uma pessoa é composto por diversas fases: nascimento, crescimento, amadurecimento, reprodução, envelhecimento e morte. Cada uma dessas fases é marcada por acontecimentos que muitos gostariam de lembrar sempre, há um desejo de que as experiências vividas não sejam apagadas da memória, que elas fossem imortalizadas. Esses momentos são guardados nas “caixinhas da memória” para que se possa recordar sempre. Entretanto, por mais que se tente, é impossível lembrar de tudo que se viveu, por mais especiais que tenham sido determinados momentos. Diante disso, os indivíduos começaram a buscar formas de registrar esses acontecimentos para que não se percam no espaço/tempo, ou seja, uma forma de arquivar as suas vidas. Dentre as práticas de registros mais comuns estão as fotografias, caixas, gavetas. Porém, com o acesso à leitura e a escrita, as pessoas começaram também a escrever sobre seus acontecimentos cotidianos em pequenos cadernos chamados de *diários*.

O diário de Carolina Maria de Jesus, intitulado *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, faz parte dessa linha de produção, escrita de si, e apresenta o cotidiano da favela de Canindé, na cidade de São Paulo, separados em dia, mês e ano. Nele, Carolina narra sua luta diária, pela sobrevivência, como catadora de lixo e metal e como a falta de dinheiro e de um trabalho melhor afetam a sua vida e a de seus filhos:

15 DE JULHO DE 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.

[...]

17 DE JULHO Domingo. Um dia maravilhoso. O céu azul sem nuvem. O Sol está tépido. Deixei o leito as 6,30. Fui buscar água. Fiz café. Tendo só um pedaço de pão e 3 cruzeiros. Dei um pedaço a cada um, puis feijão no fogo que ganhei ontem do Centro Espirita da Rua Vergueiro 103. Fui lavar minhas roupas. Quando retornei do rio o feijão estava cosido. Os filhos pediram pão. Dei os 3 cruzeiros ao João José para ir comprar pão. (JESUS, 2007, p. 10-11)

“Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, e contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÈRES, 2004, p. 11). E esse indivíduo, como sinaliza Gomes (2004), que pleiteia uma identidade própria e procura registrar sua vida, não é mais, necessariamente, uma pessoa importante, uma figura pública e notória, ao qual se queira registrar na história as grandezas de seus feitos.

A partir do momento em que a sociedade passou a reconhecer e a valorizar mais o ser humano, e a disponibilizar ferramentas que possibilitassem o registro de sua identidade, a exemplo do saber ler, escrever, fotografar, deu abertura para a validação do desejo de registrar as memórias de pessoas “anônimas”, “comuns”, de uma vida simples, rotineira, mas que não deixa de ser importante nessa percepção da produção de si. Carolina e Françoise, autoras contempladas nesse estudo, registraram seus cotidianos, simples, sofridos, em diários e cartas e, em algum momento, tornaram-se interessantes aos olhos de algumas pessoas, tomando a forma de livros, obras de grande valor literário.

Assim como Carolina e Françoise, outros autores experimentaram esse tipo de texto, escrita de si (correspondência), com destaque para a publicação de *A lição do amigo*: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade ou o *Diário de Antônio Maria* no qual o compositor carioca deixou registradas suas intimidades. Dessa forma, esses autores acabaram arquivando a vida deles e como diz Artières “Passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos.” (ARTIÈRES, 2004, p. 10), numa constante busca de “arrumar-se” para entender quem se é. Artières diz ainda: “... não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira” (ARTIÈRES, 2004, p. 11).

Carolina não escrevia seu diário de qualquer jeito. Apesar de ter estudado somente até a segunda série do ensino fundamental, ela sempre gostou de ler: “quis saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário. – Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você. Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler.” (JESUS, 2007, p. 27). Além de gostar de ler, Carolina também gostava de escrever e era uma escritora consciente, ela tinha intenções ao escrever: “Enquanto as roupas corava eu sentei na calçada para escrever. Passou um senhor e perguntou-me: - O que escreve? – Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana. Ele disse: - Escreve e depois dá a um crítico para fazer a revisão.” (JESUS, 2007, p. 22).

Ainda sobre as escritas de si, de acordo com Artières, arquivamos nossas vidas:

em resposta ao mandamento ‘arquivarás tua vida’ – e o farás por meio de práticas múltiplas: manterás cuidadosamente e cotidianamente o teu diário, onde toda noite examinarás o teu dia; conservarás preciosamente alguns papéis colocando-os de lado numa pasta, numa gaveta, num cofre: esses papéis são a tua identidade; enfim, redigirás a tua autobiografia, passarás a tua vida a limpo, dirás a verdade. (ARTIÈRES, 2004, p. 10-11)

Portanto, “é um dever produzir lembranças; não fazê-lo é reconhecer um fracasso, é confessar a existência de segredos.” (ARTIÈRES, 2004, p. 14). O álbum, por exemplo, é uma forma de dizer que você não tem nada a esconder. Uma carta além de um registro é uma confissão de algum sentimento ou uma manifestação de carinho e admiração por alguém. Françoise passou a escrever sua rotina diária em forma de cartas, a partir do momento que leu uma matéria sobre o livro “Quarto De Despejo”, de Carolina. Ao se identificar com os relatos da escritora brasileira, ela foi motivada a escrever “cartas”. Como se sabe, uma carta tem sempre um destinatário. As cartas da escritora francesa tinham um destino especial, elas foram endereçadas à Carolina, porém, essas cartas jamais chegaram às mãos dela. No entanto, elas foram publicadas, após a morte da autora francesa, com o título: “Cartas a uma negra”: “Carolina, você nunca vai me ler; eu jamais terei tempo de ler você, vivo correndo, como todas as donas de casa atoladas de serviço, leio livros condensados, tudo muda muito rápido demais ao meu redor.” (EGA, 2021, p. 7)

Para Ângela Castro Gomes: “É cada vez maior o interesse dos leitores por certo gênero de escritos - uma escrita de si -, que abarca diários, correspondência, biografias e autobiografias, independente de serem memórias ou entrevistas de história de vida, por exemplo.” (GOMES, 2004, p. 7). Desse modo, as formas de escritas de si, como cartas e diários, apresentam um papel significativo para a constituição de registros tanto pessoais, quanto coletivos, uma vez que, essas escritas autobiográficas, podem conferir “à vida individual uma importância até então desconhecida, tornando-a matéria digna de ser narrada como uma história que pode sobreviver na memória de si e dos outros.” (GOMES, 2004, p. 12). Por meio de um diário, a vida de Carolina sobreviveu, nas memórias daqueles que leram e se identificaram com os registros de seu dia a dia, tornando, portanto, as histórias e as memórias de Françoise e de tantos outros leitores:

Maio de 1962

Eu descobri você, Carolina, no ônibus. Levo vinte e cinco minutos para ir até meu emprego. Penso que não tem a menor serventia ficar se perdendo em devaneios no trajeto para o trabalho. Toda semana me dou ao luxo de comprar a revista *Paris Match*; atualmente, ela fala muito dos negros. Foi assim que conheci a sublime sra. Houphouet com seu vestido de gala. Eu não iria lhe dedicar as minhas palavras, ela não compreenderia. Mas você, Carolina, que procura tábuas para o seu barraco, você, com suas crianças aos berros, está mais perto de mim. (EGA, 2021, p. 6-7)

Sobre os registros, Artières afirmou: “O *anormal é o sem-papéis*. O indivíduo perigoso é o homem que escapa ao controle gráfico” (ARTIÈRES, 2004, p. 11). Na vida moderna não tem como escapar do controle gráfico. Para se ter direitos sociais, uma inscrição na faculdade por exemplo, é necessário apresentar registros (arquivos): comprovante de endereço, comprovante de escolaridade, registro geral (RG), entre outros. Sem esses documentos, não é possível fazer tal inscrição e por conseguinte, é excluído, desse e de outros sistemas. Ou seja, para existir, é necessário inscrever-se: nos registros civis, nas fichas escolares etc.

Carolina cuidou para “não ser anormal”. Mesmos sem muito estudo e quase nenhum recurso, ela assegurou sua inclusão na sociedade, na sociedade literária. A escrita de seu diário, permitiu-lhe mais do que sua inserção na sociedade, ele trouxe à tona toda uma favela e a vida miserável dos “projetos de humanos” que lá (sobre)viviam. Portanto, convém supor que a relevância dos registros pessoais, além da inserção do indivíduo à sociedade, eles, mesmos os fictícios, possibilitam a discussão de questões relevantes socialmente, como racismo, miséria, exclusões e desigualdades sociais, temas tão bem abordados pelas autoras analisadas.

Essa relevância, dos registros pessoais, para a inserção do indivíduo na sociedade, é perceptível tanto na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, quanto em *Cartas a uma negra: narrativa antilhana*, de Françoise Ega, uma vez que, como podemos observar, elas vão além de “escritas de si”. Por se tratarem de duas escritoras negras, podemos aludir que em seus diários e cartas contenham denúncias voltadas à uma sociedade, não muito justa, com as classes menos favorecidas.

Pode-se dizer ainda, que as formas de escritas de si, cartas e diários, utilizadas nas referidas obras, venha a ter um papel significativo para a constituição de registros pessoais e coletivos, uma vez que, essas escritas autobiográficas, podem conferir à vida das pessoas uma importância que antes não se percebia, tornando-a assunto de interesse de muitos e ser contada como uma história, possibilitando assim, a sobrevivência das memórias individuais e coletivas.

Geralmente uma escrita de si pressupõe uma narrativa em primeira pessoa, pois se trata de um relato pessoal. Porém, é possível que alguns indivíduos se valham da ficção e das técnicas literárias para construir seus registros: por exemplo, usar a terceira pessoa ao escrever, para criar uma distância de si mesmo, agir como se fosse uma testemunha ou ainda, para interpelar o leitor.

A exemplo das autoras estudadas, estamos propondo que as pessoas registram suas experiências por diferentes modos: cartas, diários, álbuns de fotografias, objetos que fazem lembrar de algum momento especial, entre outros. E um dos motivos mais prováveis seja para tornar eternas as experiências vividas, porque por mais que se tente guardar todas as coisas na memória, sempre tem algo que se perde. Num diário, por exemplo, não se registra tudo que aconteceu no dia a dia, de certa forma fazemos uma seleção dos fatos mais importantes. Portanto, nos faz pensar que, o medo de perder, de esquecer, é que leva os indivíduos a se arquivarem.

Alguns arquivamentos têm a função apenas de guardar os momentos familiares, como aniversários, natais, nascimento de um filho, uma festa de formatura, circulando apenas no âmbito familiar. Outros eliciam acarretamentos mais contundentes, alcançando lugares, que a princípio, não se poderia imaginar, como um simples diário com anotações de um cotidiano sofrido venha a se tornar um dos livros mais importantes da literatura brasileira, fazendo com que uma mulher simples, moradora de uma favela saísse do anonimato, tornando-se uma das escritoras negras mais conceituadas de nosso país.

4 CAROLINA MARIA DE JESUS: DIÁRIOS QUE DIALOGAM - “SOMOS TODAS CAROLINA”

Carolina Maria de Jesus, pode-se dizer, é o retrato do povo brasileiro, principalmente da mulher brasileira: humilde, mãe solteira e negra. Migrante de Minas Gerais para a cidade de São Paulo precisou morar em uma favela, especificamente, a primeira grande favela do Estado, a Canindé. Por meio dos registros de sua vida cotidiana, em seus diários, Carolina arquivou não só a sua vida, mas trouxe à tona a dura realidade da vida de um favelado: violência, miséria extrema, fome, a luta da mulher sozinha, são temas abordados em seus diários que inspiraram e continua inspirando outras autoras, mulheres, negras aqui no Brasil e em outros países.

Françoise Ega, talvez, tenha sido umas das primeiras autoras que passou a escrever após se identificar com a escrita de Carolina. Assim como a escritora brasileira, Françoise era uma mulher negra, humilde e mãe de cinco filhos. Após conhecer o “Quarto De Despejo” de Carolina, Françoise passou também a escrever a vida sofridas das mulheres trabalhadoras nas casas de famílias brancas e abastadas. Suas “cartas”, endereçadas a escritora brasileira, jamais foram entregues à sua destinatária. Contudo, após a morte da autora francesa, os escritos intitulados “Cartas a uma negra”, foram publicados.

Ao escrever “Cartas a uma negra”, Françoise parece estar dialogando diretamente com a escritora brasileira. Ao ler Quarto de Despejo, Françoise logo se identifica com as vivências de Carolina, que embora as duas autoras estejam localizadas em lugares tão distantes uma da outra, parecem ser irmãs, dadas as semelhanças que as envolvem: são mulheres negras, pobres, periféricas e imigrantes, que enfrentam com coragem as desigualdades de uma sociedade tão injusta.

Nas “cartas” endereçadas a Carolina, em diversos momentos, a autora francesa narra as semelhanças das experiências vivenciadas pelas duas. Françoise inicia sua “carta” para Carolina assim: “Maio de 1962. Pois é, Carolina, as misérias dos pobres do mundo inteiro se parecem como irmãs. Todos leem você por curiosidade, já eu jamais a lerei; tudo o que você escreveu, eu conheço,” (EGA, 2021, p. 5). Nesse trecho, Françoise parece responder a uma pergunta feita por Carolina em seu diário: “17 de maio. Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil?” (JESUS, 2007, p. 33).

Em outro momento, a escritora francesa aponta sua proximidade com as vivências da escritora brasileira: “Meu marido diz: ‘O importante é o pão de cada dia, o resto a gente dá um jeito’. Acho, Carolina, que você conhece essas palavras. Na favela, você nunca foi capaz de pensar em nada além do pão de cada dia. Penso que é isso que me aproxima de você, Carolina Maria de Jesus.” (EGA, 2021, p. 7).

Assim como Carolina, Françoise era uma escritora consciente e tinha desejo de um dia publicar as cartas dela. Muitas vezes, devido a incompreensão das pessoas, até mesmo do seu marido, ela pensava em desistir, mas aí ela lembrava de Carolina: “Eu poderia ter

desanimado. Mas, Carolina, vejo você escrevendo à luz de vela, sem a presença de ninguém para lhe dizer que tipo de mamoeiro você é, me debruço então sobre uma nova página e o encho de realidade.” (EGA, 2021, p. 33).

Postumamente, Carolina continua recebendo cartas. Seguindo o mesmo tipo de escrita de Françoise, outras autoras passaram a escrever cartas a Carolina. No Brasil, a educadora Hildália Fernandes deu início a essa tradição escrevendo uma carta para Carolina em 2014, em alusão a um século de seu nascimento. Segue alguns trechos: “Passado um século do seu nascimento, não creio que descanse em paz, infelizmente. Não sei notícias sobre seu filho José Carlos. João José, seu mais velho, sei que faleceu. Vera Eunice é lembrada por alguns (uns, sérios, outros nem tanto).” (PORTAL GELEDÉS, Acesso em 16/03/2024)

Hildália relembra algumas passagens de Quarto de despejo, em que Carolina fala sobre a fome e a miséria, mas também ressalta como a escritora se eternizou por meio de sua escrita de si:

Sobre a sua escrita, venho lembrar os seguintes trechos: o primeiro a ser relatado aqui nessa carta, escrito em 22 de maio de 1958, “Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado”; o segundo, em 29 de maio de 1958, “Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as miserias são reais”; o terceiro, em 1 de junho de 1958, “Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatríveis”. (PORTAL GELEDÉS, Acesso em 16/03/2024)

Você resistiu. Escreveu. Eternizou-se no papel e em nossas memórias. Mostrou-nos caminhos, saídas, nunca atalhos – uma vez que esses não costumam funcionar para nós, mulheres negras desfavorecidas economicamente, quer tenhamos estudo ou não. Obrigada pela teimosia, pela persistência, pela representação tão digna da nossa condição de humanas mulheres negras. (PORTAL GELEDÉS, Acesso em 16/03/2024)

Carolina inspirou e continua inspirando novas escritoras, como Cidinha Silva, que lhe escreveu uma carta em 2020:

Carolina, meu sonho de ser escritora permanece. Escrevo em cadernos, como você fazia. Esse é um segredo meu e seu, D. Ruth desconfia, mas por minha boca não vai saber de nada; segredo a gente partilha com quem a gente confia. Logo que cheguei aqui e fiquei paralisada diante das paredes de livros no escritório dela, eu só tinha visto tanto livro numa biblioteca, ela me perguntou, com ar pesaroso: “Você está se perguntando se eu já li esses livros todos? Não, não li, mas...” Eu imagino que não, eu sei que os livros fazem companhia para a gente ao longo da vida e que a gente não lê tudo, mas gosta de saber que eles estão ali, fazendo a travessia conosco. Ela se assustou e aprendeu a me respeitar ali, naquela hora, viu que eu não seria uma negrinha de estimação para ela tratar como inteligentinha, para ouvi-la na hora que quisesse se

distrair da solidão. Eu estudei, Carolina, fiz faculdade porque queria ferramentas para ajudar a organizar meu pensamento, eu sei pensar. (CORREIO IMS, acesso em 16/03/2024)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após passarmos pelos registros de autores que já analisaram as escritas de si e adentrarmos Quarto de Despejo e Carta a uma negra, é possível inferirmos algumas considerações sobre a importância dos arquivamentos da vida. Foi possível também compreender por que as pessoas se interessam tanto por esse tipo de escrita. Todo o estudo que realizamos até o momento serviu para alcançarmos as respostas para as indagações que nos motivaram a querer entender o que leva um indivíduo a arquivar e reinventar sua vida: Por qual motivo elas arquivam as suas vidas? Como os indivíduos registram suas experiências? Quais os acarretamentos desses arquivamentos na vida das pessoas?

Tal como afirmou Artières, as pessoas arquivam suas vidas, para responder, para atender, as exigências de uma sociedade, que exige que você tenha uma vida bem organizada e você precisa dar satisfação a essa sociedade: “Pois, por que arquivamos nossas vidas? Para responder a uma injunção social. Temos assim que manter nossas vidas bem organizadas, pôr o preto no branco, sem mentir, sem pular páginas nem deixar lacunas.” (ARTIÈRIES, 2004, p. 10-11). Artières também ressalta que, devido a importância que foi conferida a escrita pela sociedade ocidental, no final do século XVIII, a escrita passou a fazer parte do nosso cotidiano, conferindo-lhe um poder que passamos a existir por meios de papéis. Por exemplo, o indivíduo passa a existir para a sociedade a partir do momento que ele é registrado, que passa a ter um RG (Registro Geral) e um CPF (Cadastro de Pessoa Física): “para existir, é preciso inscrever-se; inscrever-se nos registros civis, nas fichas médicas, escolares, bancárias.” (ARTIÈRIES, 2004, p. 12).

São inúmeras as maneiras como os indivíduos registram suas experiências. Carolina, por exemplo registrava em cadernos velhos que ela achava catando lixo nas ruas. Na atualidade com o avanço das tecnologias, o papel já não tem tanta importância, mas as pessoas continuam registrando seus momentos, em fotografias, selfs. No lugar dos cadernos, seus diários são digitais. Não precisam esperar para serem publicados, como fez Carolina. Os diários atuais são postados e atualizados todos os dias nas redes sociais. Isso explica o disse Artières sobre as diversas maneiras de se arquivar:

- e o farás por meio de práticas múltiplas: manterás cuidadosamente e cotidianamente o teu diário, onde toda noite examinarás o teu dia; conservarás preciosamente alguns papéis colocando-os de lado numa pasta, numa gaveta, num cofre: esses papéis são a tua identidade; enfim, redigirás a tua autobiografia, passarás a tua vida a limpo, dirás a verdade. (ARTIÈRIES, 2004, p. 11)

Os diários de Carolina e as cartas de Françoise, fazem parte das diversas formas de materialidade dos arquivamentos e as seleções que se faz ao se arquivar, como bem pontuou Artières:

não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens.

Num diário íntimo, registramos apenas alguns acontecimentos, omitimos outros; às vezes, quando relemos nosso diário, acrescentamos coisas ou corrigimos aquela primeira versão.

Na correspondência que recebemos, jogamos algumas cartas diretamente no lixo, outras são conservadas durante um certo tempo, outras enfim são guardadas; com o passar do tempo, muitas vezes fazemos uma nova triagem. O mesmo acontece com as nossas próprias cartas: guardamos cópia de algumas, seja em razão do seu conteúdo, seja em razão do seu destinatário. (ARTIÈRES, 2004, p. 11)

Sobre os acarretamentos desses arquivamentos na vida das pessoas, compreendemos, assim como Artières, que eles contribuem para o autoconhecimento e para a construção do *eu*. Gomes também compartilha dessa mesma opinião de que um dos acarretamentos dos arquivamentos na vida das pessoas é a construção de sua identidade: “Através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado.” (GOMES, 2004, p. 11). Os sentidos são alargados e ganham tamanha proporção, que as produções de si, deixam de ser as suas memórias, suas intimidades, e passam a ser as memórias de outrem. Os diários de Carolina ganharam o mundo e suas intimidades inspirou e vem inspirando cada vez mais o surgimento de novas escritoras, especialmente, autoras negras, como vimos nas cartas de “nós somos todas Carolina”. Portanto, é inegável não reconhecer a relevância das escritas de si.

Sobre as obras *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus e *Cartas a uma negra: narrativa antilhana*, de Françoise Ega, como foi exposto ao longo desse trabalho, são obras que conversam entre si: são obras escritas por autoras negras, de vida simples e sofridas, como são a vida da maioria dos negros. Além disso, essas autoras, cada uma do seu jeito, não se contentaram com as misérias que a vida lhes impunha. Por meio de seus diários e cartas, elas registraram suas experiências cotidianas, ao mesmo tempo, denunciavam as mazelas de uma sociedade tão injusta com os menos favorecidos. Denunciar, nisso consiste as obras dessas escritoras.

Quarto de despejo: diário de uma favelada é considerada, até hoje, uma obra muito importante, porque os temas, apresentados nele como pobreza extrema, discriminação racial e de gênero, desigualdades sociais, vão além das vielas da favela do Canindé, são problemas que afetam todo o nosso país. Sua importância se dá também, porque além de descrever sua luta diária de catadora de lixo, para sobreviver, Carolina faz duras críticas a nossa política e a sociedade de um modo geral.

Como se pôde perceber, o diário de Carolina Maria e as cartas de Françoise possibilitaram a essas escritoras não apenas eternizar um momento de suas vidas, mas também deu a elas o poder de voz para denunciar, respectivamente, a dura realidade de favelados e a

exploração sofrida por mulheres pobres e negras do século 20. Portanto, esse estudo sobre os “arquivamentos de si”, nos evidenciou como o gosto pela leitura, pela escrita e principalmente, o arquivamento das vivências pode levar um indivíduo a se reinventar e sair de uma situação de anonimato e invisibilidade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário. *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 9-21.
- CARTAS. Disponível em: <https://carolinamariadejesus.ims.com.br/arq-cartas/>. Acesso em 16 de março de 2024.
- CORREIO IMS (web site). Disponível em: <https://correio.ims.com.br/carta/a-travessia-no-barco-da-coragem/>. Acesso em 16 de março de 2024.
- EGA, Françoise. *Cartas a uma negra: narrativa antilhana*. Tradução de Vinícius Carneiro e Mathilde Moaty. São Paulo: Todavia, 2021.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- JESUS, Carolina Maria de, 1914-1977. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de Metodologia científica*. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- LETRAS (web site). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/raul-seixas/165312/>. Acesso em 16 de março de 2024.
- PENSADOR (web site). Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTg5NTUzNQ/>. Acesso em 16 de março de 2024.
- PORTAL GELEDÉS (web site). Disponível em: <https://www.geledes.org.br/carta-para-carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em 16 de março de 2024.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico* [livro eletrônico]. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- SIQUEIRA, Samanta. “*Tudo o que tu escreveste, eu sei*” - a tradição de uma literatura escrita por mulheres diaspóricas: o encontro da brasileira Carolina Maria de Jesus com a martinicana Françoise Ega. *Nau Literária*, v. 1, pág. 129–147, 2020.
- VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fran%C3%A7oise_Ega#Legado. Acesso em 16 de março de 2024.